PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNI-VOS!

A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Nº 154 ABRIL DE 1983 XVII

NESTE NÚMERO:

LUTA E UNIDADE CONTRA O REGIME MILITAR

São Paulo viveu uma grande jornada de luta proletária e democrática - o movimento dos desempregados, que alcançou larga repercussão no Estado e em todo o país. Por sua extensão e combatividade, esse movimento sacudiu o pó do marasmo político e abalou os alicerces da reação, revelando a profundidade da crise social que o país atravessa. Os trabalhadores expressaram sua firme determinação: não estão dispostos a suportar passivamente os duros sacrifícios originados da política antinacional e antipopular dos governantes militares.

A eclosão do movimento na zona mais proletária da capital paulista pôs em pânico os reacionários. Extrapolou, rapidamente, os limites de uma simples manifestação localizada, tomando a forma de ações vigorosas de massas. Isto se explica pelo estado de espírito dos trabalhadores e da população pobre a braços com enormes dificuldades. A fome se implanta no seio de extensas camadas do povo. O desemprego se amplia. A carestia sem freios reflete-se no aumento quase diário de preços dos bens necessários à vida. Em tais circunstâncias, o descontentamento se expande e se converte em revolta.

Como sempre, o governo de Figueiredo reagiu tachando a explosão popular de São Paulo de obra de arruaceiros e subversivos. Lamentou a falta de maior repressão. Durante os acontecimentos colocou o II Exército de prontidão, instruiu a Polícia Federal para prender e processar participantes da luta, enquanto seus parceiros de caserna acionavam grupos para-militares com o objetivo de fazer provocações que permitissem a intervenção federal no Estado Mais tarde, acuado pela grita geral contra o desempreg o limitou-se a falar em ativar o setor da construção civil, onde predomina a mão-de-obra menos qualificada e a sugerir a ida dos sem-trabalho para o campo na condição de bóias-frias. No que se refere à questão decisiva - a mudança da política econômico-social, silenciou. Ou melhor, pretende sustentá-la indefinidamente. Aí, no entanto, reside a fon ►

te imediata do desemprego que continua a crescer; em março passado mais de 20 mil operários em São Paulo foram postos na rua. Aí se encontra também a origem da inflação, da carestia, do endividamento do país. E igualmente do enriquecimento ilícito, da corrupção, dos lucros elevados das multinacionais e de importantes setores da grande burguesia. Essa política é, hoje, orientada diretamente pelo FMI, levando o Brasil à total subordinação aos banqueiros estrangeiros.

A política econômico-financeira, à qual está ligada o "modelo" de desenvolvimento posto em prática pelos generais, gerou uma situação de calamidade pública. Insistir nessa orientação é traição nacional. Por isso, o alvo principal da luta da classe operária e do povo não pode ser outro senão a derrubada do regime que a defende, seu objetivo é conquistar amplas liberdades, tendo em mira buscar outro caminho, outras soluções aos problemas fundamentais do país.

Tentando ganhar tempo e enfraquecer a pressão oposicionista, Figueiredo, aproveitando os acontecimentos paulistanos, voltou a lançar no mercado político a sua desmoralizada proposta de trégua. Passou a receber, um após outro, os governadores da oposição e a acenar com o entendimento "em nível elevado" para "salvar" o país da desordem. A trégua, porém, é artifício destinado a facilitar as manobras visando a continuidade do regime odiado pelo povo. Não é de trégua aos militares que a nação necessita, mas do correto encaminhamento dos problemas que preocupam e atormentam o povo brasileiro. Isto exige, antes de mais nada, um novo regime. Cessar ou amainar, sob qualquer pretexto, a oposição ao sistema arbitrário e ao seu representante no Planalto é pactuar com o autoritarismo, com as suas diretrizes antinacionais e antipopulares que tanto danos causaram e causam ao Brasil.

Os governos de dez Estados, eleitos diretamente pelo povo, comprometeram-se a ser oposição, portanto, a lutar contra o arbítrio, contra o sistema militar implantado e mantido pela força. Entre eles, o de São Paulo. É sabido que não têm condições de resolver problemas como o do desemprego, da inflação, da carestia, que dependem da política de Brasília. Embora possam minorá-los, não possuem recursos nem meios para enfrentá-los em profundidade. Têm no entanto possibilidades de atender reivindicações como as da moradia, dos transportes e muitas outras. Deles o povo espera firmeza contra o regime. Não a repressão, a proibição de atos públicos, mas o respeito às demonstrações populares que, em essência, dirigem-se contra o governo de Figueiredo. Fazer greve não é crime, tampouco realizar desfiles e protestos de grande envergadura. A luta é indispensável e plenamente justificada.

Os trabalhadores compreendem ser preciso somar forças contra o atual regime. Em conseqüência, devem considerar, nas ações a empreender, dois fatores interligados: o fator luta e o fator unidade democrática. Se os trabalhadores derem peso unicamente ao fator luta, que é o essencial, sem observar o outro aspecto da questão, poderão se isolar facilmente, perder o rumo principal, abrir o flanco à intervenção das forças de direita. Se, porém, derem o peso maior ao fator unidade com as correntes democráticas, subestimando o descontentamento das massas e a sua vontade de luta, cairão no oportunismo, perderão a perspectiva política, servirão de bombeiros nos embates decididos. Sem ações de massas em nível sempre mais elevado, o regime se manterá, haverá mais campo livre para as manobras palacianas. Daí porque é indispensável encarar os acontecimentos tendo em conta tanto a luta como o reforçamento da frente democrática e popular.

São Paulo de ontem foi apenas começo. Os protestos tendem a aumentar. O movimento de massas crescerá para libertar o Brasil dos opressores militares, dos corruptos e vende-pátria, dos inimigos da liberdade e do progresso social●

SOBRE A TÁTICA DO PARTIDO

(Trecho do Informe Político do Congresso do Partido)

1 Se se examina o quadro político atual, constata-se que a "abertura" realizada pelos generais visava unicamente contornar dificuldades oriundas do seu isolamento e desgaste e, encontrar meios de garantir a continuidade do regime militar. Embora derrotados nas eleições de 15 de novembro, eles insistem na conservação do sistema arbitrário. Falam em trégua política para confundir a oposição. Não se mostram dispostos a fazer quaisquer concessões que alterem o aspecto ultra-reacionário, policial, do Estado que forjaram no período mais negro da ditadura. Contudo intensifica-se a luta contra esse regime, luta que toma feições diversas. A oposição popular em crescimento combate com firmeza o governo, defende posições democráticas e mesmo avançadas; na classe operária amadurece a idéia da greve geral. Os partidos contrários ao situacionismo, salvo seus setores mais decididos, tendem para ações moderadas; presentemente, não fazem oposição frontal, conformando-se com a defesa e ampliação da "abertura". Temem que o ascenso popular e a oposição enérgica provoquem o recrudescimento da reação.

O cenário político tem por fundo a crise, o agravamento acelerado da situação geral do país que marcha no rumo da insolvência e da capitulação completa aos credores de fora, bem como a perspectiva da sucessão presidencial de 1985. Aumenta a necessidade de empréstimos e investimentos externos para sustentar o fracassado "modelo" econômico dos militares, mas os banqueiros internacionais condicionam a cessão de empréstimos a uma política de "austeridade", isto é, de recessão mais pronunciada, de rebaixamento do padrão de vida já bastante reduzido do povo, de submissão maior aos monopólios estrangeiros. Simultaneamente, intensifica-se a luta sucessória na qual os generais procuram pontificar.

É natural assim que medre um vasto descontentamento entre as massas contra os governantes, cuja política faz recair sobre os ombros dos trabalhadores as imensas dificuldades geradas por sua orientação econômico-financeira. A grande maioria da nação exige o fim do atual regime. Não são poucos os brasileiros que começam a considerar uma rebelião popular como alternativa possível diante da persistência do arbítrio, do rápido agravamento da situação, da política antinacional e antipopular.

2 Nesse contexto, é indiscutível que a luta pela liberdade corresponda a uma profunda aspiração popular. Quanto mais claro se torna o embuste da propalada abertura do general Figueiredo, maior é o sentimento em favor dos direitos democráticos. Inúmeras são as forças que se mobilizam para protestar contra o abuso do poder, para exigir o desmantelamento dos instrumentos repressivos, para reclamar a revogação das leis reacionárias e fascistas. Alarga-se o contingente dos que compreendem a necessidade de acabar com o sistema retrógrado imposto pelas Forças Armadas.

A par do anseio de amplas liberdades e de extinção do regime militar, vai ganhando importância a questão da intervenção estrangeira no país. É que a dívida externa tornou-se um dos principais mecanismos de espoliação imperialista de nossa pátria. Os banqueiros internacionais, em especial os norte-americanos, impõem, através do FMI, acordos ignominiosos que objetivam tanto a desnacionalização como a desindustrialização do país, além de maior exploração do proletariado e das massas populares. Observa-se que o Brasil, em grande parte, passa a ser administrado pelo FMI, com o assentimento e a cooperação direta do governo de traição nacional. Isto sem falar na entrega das riquezas naturais e no protecionismo escandaloso às multinacionais. Em conseqüência, surge forte movimento patriótico de cunho antiimperialista contra a interferência estrangeira nos negócios internos e contra o governo vende-pátria, movimento destinado a alcançar enorme repercussão.

3 Também a sucessão presidencial adquire grande importância política na medida em que acirra as disputas em torno de nomes para ocupar, a partir de 1985, o posto de chefe do executivo federal. Os generais empenham-se a fundo nessa disputa. Não vacilam em recorrer aos métodos arbitrários para impor seu candidato. Todavia, a oligarquia que dirige o país tem inúmeros pretendentes ao cargo, desde militares da ativa e da reserva até civis afinados com o sistema, em luta furiosa entre si, o que dificulta, em certa medida, a consecução de seus planos. No campo da oposição ativam-se diferentes forças. O antigo PP, agora incorporado ao PMDB, esforça-se por indicar o ►

candidato da oposição. Por trás dessa corrente, dirigida por Tancredo Neves, estão poderosos segmentos das classes dominantes de Minas Gerais que almejam o poder. De outra parte, a grande burguesia paulista também se movimenta, tendo Ulisses Guimarães e Franco Montoro como principais aspirantes ao Palácio do Planalto. Quanto à forma de escolha do novo Presidente da República há pelo menos três variantes: os generais obstinam-se na eleição indireta através de um Colégio Eleitoral viciado e sem autoridade ; o governador mineiro defende o "consenso", ou seja, um acordo com os militares que garanta a indicação de um candidato de Minas Gerais, conveniente à sua facção; a maioria do PMDB e outras forças democráticas e populares reclamam eleição direta e sem casuísmos. Acontecimento importante na luta pelo governo central, a sucessão do Presidente influencia grandemente o processo político em curso. Todas, ou quase todas as correntes políticas atuam e se posicionam em função desse evento, estabelecem acordos de bastidores, projetam recomposições de forças, esboçam programas de ação.

4 Tendo em conta todos esses fatores, o PC do Brasil estabelece sua tática que visa fazer avançar o processo revolucionário no país, sem fugir ao curso da vida política.

A derrubada do regime militar e a conquista da mais completa liberdade política é o centro da tática, a meta a ser alcançada em futuro próximo, o que corresponde ao desejo da maior parte da nação. Esse regime criou todo um sistema jurídico-institucional antidemocrático, modelou um Estado autoritário. Isso precisa ser erradicado. Não bastam medidas corretivas superficiais ou mesmo uma adaptação da situação atual à democracia. O Brasil, face à grave crise estrutural em que se acha, necessita de outros rumos e, antes de mais nada, de um regime efetivamente democrático que permita a livre organização do povo e um amplo debate dos problemas candentes de modo a mobilizar, sem entraves, todos os setores da população, a fim de encontrar a melhor e mais justa solução desses problemas.

A queda do sistema arbitrário implicará na formação de um novo governo que, a nosso ver, deve ser transitório, constituído por forças democráticas conjuntamente com a unidade popular, capaz de assegurar a liberdade e convocar uma Assembléia Constituinte soberana. A ele caberá a aplicação de um programa mínimo que inclua a liquidação de todos os atos e leis antidemocráticos; o desmantelamento do aparelho de repressão e da "comunidade de informações" que vigia e controla a vida dos cidadãos; a criação de órgãos de defesa contra quaisquer tentativa de golpe de Estado; o rompimento com o FMI e a suspensão do pagamento da dívida externa até que a nação se pronuncie a respeito; e a adoção de medidas de emergência para melhorar a situação do povo e do país. O proletariado revolucionário tem o dever de tomar parte nesse governo provisório através do movimento da unidade popular ou diretamente por intermédio do seu partido de vanguarda, o PC do Brasil, tendo como objetivo combinar a pressão das massas, a partir das bases, com a ação da cúpula governamental, garantindo o cumprimento do programa mínimo. Dependendo da contribuição dada pela classe operária e pelas massas populares na derrocada do atual regime, o governo provisório poderá surgir sob a hegemonia dos setores sociais mais avançados da frente-única.

Ao formular sua tática, o Partido considera a conquista da liberdade - o objetivo democrático - como elemento essencial. Em torno desta questão mobilizam-se as forças que se opõem resolutamente à ditadura e à existência de fortes restrições aos direitos do povo. A começar de 1968, quando os militares apelaram para o terror fascista, o Partido enfatiza o problema da liberdade, procurando, assim, alargar a frente-única e desfechar golpes vigorosos no regime antipopular e antinacional.

Presentemente, tanto quanto a liberdade, a luta contra a subordinação ao capital estrangeiro, contra a ameaça neocolonialista à nossa pátria, ocupa lugar de destaque na tática partidária. O entreguismo e a dependência do país acentuaram-se de tal forma, particularmente por causa do endividamento externo e dos acordos com o FMI, que se criaram condições favoráveis ao aparecimento de um amplo movimento patriótico de repulsa à criminosa política dos generais. Esse movimento acrescerá à frente oposicionista e lhe dará mais força.

Pode-se afirmar que as duas tarefas, a democrática e a patriótica, caminham *pari passu*. Não se pode separar uma da outra. A luta pela liberdade abre espaço para o combate patriótico, antiimperialista, da mesma forma que esse combate exige a ampliação das liberdades. Seria errôneo enfraquecer a frente da liberdade sob a alegação de reforçar o movimento patriótico, do mesmo modo que secundarizar a frente patriótica invocando a importância das conquistas democráticas. Uma e outra reclamam, objetivamente, o fim do regime militar.

No período que irá até o princípio de 1985, a tática do Partido deve considerar seriamente a questão da sucessão presidencial. Na história do nosso país, as épocas de sucessão dos governantes originaram clima de comoções sociais e políticas, de rechaduras do sistema dominante, de brechas na frente inimiga que devem ser utilizadas pelas

forças democráticas e revolucionárias em proveito do avanço do movimento progressista. Mesmo na vigência da ditadura militar, a substituição dos generais de plantão fomentou tensões políticas, em particular nas diferentes facções das Forças Armadas, que disputavam de unhas e dentes as posições de mando.

É preciso ter em vista o aparecimento de uma séria crise política em período não muito distante que pode converter-se em crise revolucionária. O regime atual poderá cair tanto no curso de um movimento democrático que acentue a obtenção das liberdades quanto no processo de vigorosas ações de cunho patriótico, ou ainda como decorrência da combinação dos fatores democráticos e patrióticos. A crise pode manifestar-se na sequência da disputa pela sucessão presidencial.

5 O caminho para viabilizar os objetivos apresentados pelo Partido é a ação decidida e unitária das grandes massas num processo de radicalização (não artificial) da luta em prol das liberdades, contra a reação e a subordinação ao capital estrangeiro, em defesa dos direitos da classe operária e do povo - processo que tende a adquirir forte impulso e desdobramentos revolucionários.

Mas para que a luta tome caráter nacional e se transforme numa força poderosa é indispensável criar uma frente democrática ampla, que reuna todos os que queiram livrar o país da tutela militar e da ameaça neocolonialista . Essa frente-única deve ter por base a unidade popular, movimento político independente a ser forjado com a integração de sindicatos, organizações operárias ou de categorias profissionais, associação de camponeses, de estudantes, de mulheres e jovens, de bairros e de favelas, de combate à carestia de vida, de preservação das riquezas nacionais, etc., com a participação do partido do proletariado e de outras correntes políticas de vinculação popular. Pugnando por reivindicações econômicas, políticas e sociais, esse movimento de unidade defenderá uma plataforma em que se condensem medidas de interesse geral, entre as quais a criação de um GOVERNO DAS FORÇAS DEMOCRÁTICAS E DA UNIDADE POPULAR. Sem a organização de tal movimento unitário, o povo não jogará o verdadeiro papel que lhe compete, poderá marchar a reboque dos partidos das classes dominantes ou se isolará do curso político. A unidade popular terá de ligar-se às forças democráticas que existem em diferentes segmentos da sociedade nos partidos políticos, nas organizações de profissões liberais, nas correntes nacionalistas, etc., formando assim a frente democrática e da unidade popular.

A idéia da unidade popular, como força política independente, encontra a resistência do reformismo e do exclusivismo de determinadas correntes que atuam no movimento popular. Essa resistência, no entanto, pode e deve ser vencida, com uma atuação ampla entre as massas, sem sectarismo, desmascarando ao mesmo tempo os inimigos da unidade, procurando esclarecer e mobilizar as forças populares. É evidente que dentro da união há também luta. O Partido precisa esforçar-se por alargar sua influência política e ideológica isolando os conciliadores e oportunistas.

Ao lutar pela criação da frente democrática e da unidade popular, o Partido atua em todos os setores políticos e de massas. Na atividade junto às massas procura desenvolver as lutas da classe operária e dos camponeses por seus interesses imediatos e mediatos. Também é necessário dar atenção à luta de outros setores populares por suas justas reivindicações●

OPINIÃO SOBRE O MOVIMENTO COMUNISTA MUNDIAL

(Capítulo do Informe Político do Congresso do Partido)

O Partido Comunista do Brasil é parte integrante do movimento comunista mundial que sustenta a bandeira invencível do marxismo-leninismo, da revolução proletária e do socialismo científico.

Esse movimento,duramente atingido pela traição revisionista, desde a década de 50 , vem, pouco a pouco, reorganizando suas fileiras e já hoje constitui uma força considerável. Em todos os Continentes surgiram novos partidos que avançam no processo de sua formação, como vanguardas da classe operária e dos povos oprimidos . Mesmo na África despontam partidos combativos como os de Alto Volta, Dahomey e Togo. O Partido do Trabalho da Albânia, por sua heróica luta contra o revisionismo contemporâneo e em prol da construção do socialismo, tem sido uma referência autêntica e fonte de inspiração aos revolucionários de todo o mundo que almejam organizar-se para prosseguir na rota traçada por Marx, Engels, Lênin e Stálin.

A afirmação marxista-leninista dos novos partidos não vem sendo tarefa fácil. Atuam numa situação bastante complexa na qual surgem muitos e novos problemas demandando soluções oportunas e acertadas que exigem domínio teórico e larga experiência de luta. Além disso, nunca foi tão intensa a campanha do inimigo de classe em todos os terrenos para desacreditar o socialismo proletário,bem como para difundir,por diferentes meios, teses e idéias falsas destinadas a truncar os fundamentos básicos da doutrina marxista.Essa situação reclama de todos nós, que reivindicamos o marxismo-leninismo, um esforço redobrado por assimilar a essência crítica e revolucionária da ciência proletária, simultaneamente com a intensificação multilateral da atividade prática.

O fortalecimento do movimento marxista-leninista em seu conjunto depende de uma série de fatores, dentre os quais sobressai a conquista de êxitos significativos no plano do movimento de massas e no da ação revolucionária. Para obtê-los não basta a proclamação de princípios, mas também sua concretização num trabalho persistente junto aos trabalhadores que enfrentam a ofensiva brutal do capitalismo contra o seu já reduzido padrão de vida.

O passo mais importante para demarcar o caminho revolucionário foi dado: a ruptura com o revisionismo. Sem esse rompimento, profundo e radical, não se poderia avançar. Agora, torna-se premente estreitar a vinculação com as massas, em particular com a classe operária, ralizar uma atuação diversificada no curso real da vida política tal como se apresenta, e não como desejaríamos que fosse. Impõe-se romper com certo enclausuramento voluntário que conduz ao sectarismo e à falta de perspectiva, lutar para converter os partidos existentes em partidos de ação política usando uma tática ampla e flexível, adaptada à realidade de cada país.

A julgar pela nossa própria experiência, cremos ser de grande valia nesse terreno,tendo em conta a exata compreensão do papel que deve desempenhar a vanguarda revolucionária, o estudo das lições contidas na obra de V.I. Lênin - "A DOENÇA INFANTIL DO 'ESQUERDISMO' NO COMUNISMO" - que retrata a fase inicial da vida dos partidos criados sob a égide da Internacional Comunista. Essas lições contribuem para quebrar a estreiteza na ação política e assegurar uma base firme, de princípios, à orientação dos marxistas-leninistas.

Somos partidários resolutos da unidade do movimento operário e revolucionário mundial, condição indispensável ao seu fortalecimento e ao cumprimento de sua missão histórica. Com esse objetivo defendemos a realização de encontros fraternais e reuniões bilaterais e multilaterais dos comunistas, sempre que necessário, a participação em Congresso dos partidos irmãos e em atos internacionalistas, a conjugação de esforços ao nível das organizações de massa visando ações comuns. Essas reuniões e encontros informais favorecem a aproximação de pontos de vista e alargam os horizontes políticos dos combatentes de vanguarda. Nosso Partido considera fundamental o desenvolvimento do apoio e da ajuda mútua, o intercâmbio de opiniões e experiências entre os marxistas-leninistas, assim como o exame da realidade em constante modificação. Ao mesmo tempo, julga inoportu-

ANDRÉ GRABOIS COMANDANTE DO DESTACAMENTO "A"

Faz onze anos que se iniciou a resistência armada do Araguaia, marco glorioso na história das lutas populares no Brasil. Jovens amantes da liberdade e revolucionários destemidos estiveram à vanguarda desse movimento que teve por cenário a sofrida e abandonada região do campo onde tudo falta e nada se consegue sem duro trabalho e muita coragem.

Entre esses jovens ressalta a figura simples, mas enérgica e decidida de André Grabois. Tinha somente vinte e poucos anos, demonstrava, porém, ser homem maduro no raciocínio e na solução de difíceis problemas.

Chegou às posições progressistas bem cedo, ouvindo em casa discussões informais acerca do V Congresso do PCB realizado em 1960. Não alcançava a essência das questões em debate, começava no entanto a despertar para as idéias de cunho social. Em 1962, com a reorganização do Partido Comunista do Brasil na qual seu pai, Maurício Grabois, desempenhara papel do maior destaque, iniciou sua atividade política. Ele que acordava tarde e frequentava assiduamente as praias de Niteroi, mudou inteiramente de hábito. Levantava às 7 horas e, em seguida, dirigia-se para um centro de divulgação de idéias políticas no antigo Estado da Guanabara. Não parou mais. Queria aprender a lutar. Caminhou em linha reta, avançando sempre, no caminho que escolhera e com o qual se identificara plenamente.

Foi dos primeiros a chegar ao Araguaia, em 1967, depois de uma breve estada em Porto Franco, às margens do Tocantins. Mudou de nome, transformou-se no Zé Carlos do sítio da Faveira. Sabia que mais dia, menos dia, teria de lutar, lutar na selva juntamente com a população pobre do lugar.

Conhecer o povo e a região - eis sua preocupação principal. Jovem da cidade, que nunca estivera no campo, atirou-se a essa tarefa com entusiasmo. Fez-se estimar pela vi

continuação da pág. 6

na qualquer ingerência na vida interna dos partidos: seria perigoso que uns ditassem a outros normas de conduta, atitude que gera atritos e divisões. Tal não exclui a crítica fraternal efetuada com espírito proletário revolucionário.

Este, nos parece, é o nível do relacionamento alcançado entre os marxistas-leninistas na atualidade. Cremos não ter chegado o momento apropriadao à criação de quaisquer órgãos internacionais ou mesmo de veículos comuns de difusão de opiniões partidárias. Não existem condições objetivas, nem subjetivas, para realizar tais empreendimentos. As condições estão amadurecendo mas não constituem ainda uma realidade. E seria errôneo forjá-las artificialmente. Uma atitude precipitada nesse campo poderia levar não à unidade, como se deseja, mas à dissensão e à confusão ideológica em nossas fileiras. Entre a I e a II Internacional houve um hiato de dezessete anos. Nem por isso o movimento comunista deixou de crescer. Em fevereiro de 1882, Engels advertia os revolucionários contra qualquer precipitação no terreno organizativo mundial que serviria, apenas, naquela ocasião, de pretexto à reação para golpear o nascente movimento marxista. (Engels a Johann Philipp Becker, Londres). O agrupamento internacional dos proletários de vanguarda é uma grande e nobre idéia. Esta idéia, porém, tem os seus condicionantes históricos. Não por acaso, com o assentimento de Marx, dissolveu-se em 1872 a I Internacional. E em 1943, quando Stálin dirigia a luta mundial dos trabalhadores, dissolveu-se também a III Internacional. De instrumento poderoso ao impulsionamento da corrente revolucionária, essa organização, se mantida, transformar-se-ia em freio ao movimento comunista, dada a nova situação em que se desenvolviam os partidos marxistas-leninistas.

Por princípio e profunda convicção defendemos o internacionalismo proletário. Porém o internacionalismo não se identifica somente com a existência de órgãos internacionais. Ele está presente na atividade quotidiana de todos os partidos, na solidariedade à luta dos povos, no combate permanente aos inimigos abertos ou disfarçados da revolução em distintos lugares, na defesa do socialismo triunfante. A ação comum estreita os laços de amizade e fraternidade, de união verdadeira entre os proletários de todos os países.

É a nossa opinião.●

zinhança, tinha facilidade em se comunicar com os camponeses de quem desejava aprender e aproximar-se para conhecer sua alma e suas aspirações. Logo, logo dicidiu-se a pesquisar a área circunvizinha e travar conhecimento com o matagal infindável. Uma de suas primeiras tentativas foi cruzar uma floresta densa e quase virgem que os moradores da redondeza chamavam "a mata mais horrível do mundo". Experimentou de tudo. Plantou roça e colheu muito pouco, sem desanimar. Caçou o veado, o macaco, a paca, o tatu. Limpou estradas (picadas) em mutirões com os vizinhos. Andou a pé ou montado em burro. As tarefas eram bastante complexas. Havia a selva e o rio, o povo da beira e o povo da mata. Em certo momento, decidiu-se construir um barco a motor. E quem poderia dirigí-lo? O Araguaia como o Tocantins tem trechos perigosos que exigem muita perícia do piloto para atravessá-los. Zé Carlos (e Joca, seu companheiro mais próximo) tentou várias vezes e, aos poucos, tornou-se exímio navegador. O motor estava a serviço do pequeno negócio da Faveira. Mas Zé Carlos usou também o barco para levar o povo, sem transporte, a festas religiosas ou para atender pessoas enfermas.

Chegou a hora da transferência da atividade maior para o centro distante: doze, quatorze léguas da beira. Zé Carlos, com outros companheiros, incumbiu-se da mudança. Participou da escolha do local e orientou a instalação da nova morada. Era o principal responsável, a pessoa que aparecia como o organizador do empreendimento. Foi ali que começou a aprendizagem militar direta. O sítio chamava-se, entre os seus ocupantes, o PEAZÃO, palavra que provinha das iniciais P e A (Ponto de Apoio). Quando os militares atacaram a população da zona, em abril de 1972, dirigiram-se imediatamente para esse lugar. Já nessa altura, Zé Carlos tornara-se o comandante do Destacamento A, tendo Nunes (Divino Ferreira de Souza) como o seu vice comandante. No PEAZÃO, Zé Carlos desdobrou-se na montagem de um dispositivo eficiente contra os ataques do inimigo. Fez amplo levantamento de toda a área e estabeleceu contato estreito com a população que passou a frequentar o novo local.

Durante as ações guerrilheiras, Zé Carlos destacou-se como combatente ousado e ao mesmo tempo prudente. Compreendia como ninguém a necessidade de apertar os laços que uniam a guerrilha aos homens e mulheres do campo. Afinal, a luta fora provocada pelos militares fascistas e se dirigia, indiscriminadamente, contra todos os habitantes da região. A guerrilha surgia assim como expressão acabada da resistência popular. Os que tomaram a iniciativa trabalhavam e viviam como os demais, defendiam os mesmos interesses. Não por acaso, Zé Carlos contou, desde o início, com a participação ativa de Alfredo, Luizinho, Carretel e outros, gente do lugar, e com a colaboração do povo da mata. Nos intervalos entre uma e outra campanha militar, os que empunhavam armas ajudavam o trabalho da roça, organizavam a população, esclareciam as massas. Zé Carlos, Nunes e Alfredo comandaram o ataque ao posto da polícia Militar na Transamazônica. Puseram em fuga, depois de desmoralizados, os soldados que o guarneciam, odiados pela população. Apoderaram-se das armas e munições. Quando Helenira tombou no encontro com uma patrulha do Exército, Zé Carlos acorreu imediatamente ao local e travou tiroteio com os inimigos emboscados. Sabia atacar e recuar a tempo. Mostrou qualidades incomuns tanto como guerrilheiro quanto como político e homem ligado às massas. Era um comandante querido pelos seus comandados. Morreu em combate numa operação arriscada no começo da terceira campanha do Exército. Alfredo, desejoso de recuperar uns porcos que criara afim de melhorar a alimentação dos combatentes, planejou a ação. No primeiro momento Zé Carlos opôs-se à proposta de Alfredo, defendida também por outros camaradas. "Não vamos morrer pela boca, como peixe", disse ele. Mas a insistência era grande e acabou cedendo. Zé Carlos não tinha dúvida de que o guerrilheiro deve ser ousado. Brincando e usando linguagem regional costumava dizer: "é preciso astrever-se a lutar", pois quem não luta se arrasta no lodo do conformismo.

O exemplo desse jovem que deu a vida pela liberdade e pelos direitos do povo sim

continua na pág. 9

" Seria errôneo universalizar um tipo de caminho da luta armada para qualquer país e para qualquer situação. A experiência da luta armada popular tem apresentado as mais variadas formas: ações guerrilheiras persistentes, guerra popular prolongada, insurreição geral armada, insurreição nas cidades. Ou então a articulação e combinação destas diferentes formas. A especificidade de cada país, o caráter de determinada situação revolucionária, as modificações econômicas, sociais e políticas influem decisivamente na maneira concreta qua a luta armada venha a tomar."

(Do Documento ESTUDO CRÍTICO ACERCA DO PRINCIPIO DA VIOLÊNCIA REVOLUCIONÁRIA)

MENSAGEM AO 4º CONGRESSO DO PC (R) DE PORTUGAL

Ao 4º Congresso do Partido Comunista (Reconstruído)

Queridos camaradas portugueses

Saudamos a realização do 4º Congresso do Partido Comunista (Reconstruído) onde se discutirão importantes questões relacionadas com a vida do Partido e com a situação política de Portugal. E formulamos os melhores votos de que suas decisões contribuam para o progresso do movimento operário e o fortalecimento da vanguarda do proletariado português.

O Congresso é sempre um motivo de maior reflexão dos comunistas acerca da luta que o Partido realiza e da solução dos problemas complexos que se colocam diante das massas trabalhadoras. Portugal vive um momento de crise política, dentro da crise geral do sistema capitalista mundial, na qual a burguesia e os seus partidos, uns conservadores, outros ostentando fachadas socialistas, tratam de encontrar saídas a curto prazo para proteger seus interesses mesquinhos e desorientar o proletariado e o povo, estes preocupados com o desemprego, com a carestia de vida, com os ataques às conquistas de Abril, com a inserção de sua pátria nos planos expansionistas e guerreiros do imperialismo. Os capitalistas procuram sacudir sobre os ombros dos trabalhadores as dificuldades que enfrentam; a crise, porém, ajuda de certa maneira o proletariado a compreender a verdadeira essência do capitalismo e a pôr em causa a sua existência, cada vez mais decrépita. Nessa questão, tem papel decisivo a interferência do Partido Comunista, guiado pelo marxismo-leninismo, no sentido de indicar com justeza como e quando travar as batalhas de classe, por que meios e formas poder-se-á levar o proletariado a ocupar o seu posto de dirigente da revolução social.

O Partido Comunista (Reconstruído), embora jovem, vem adquirindo experiência de luta, aprendendo com a vida, acertando e errando, mas sempre fiel à grande causa do socialismo e do comunismo. É um combatente abnegado, de primeira linha, dos explorados e oprimidos de Portugal e um ativo participante do movimento operário, marxista-leninista, internacional.

Estamos certos de que as orientações e resoluções do 4º Congresso solidificarão a unidade das fileiras do PC (R), pois a unidade, à base de princípios, é a condição fundamental para o cumprimento com êxito das tarefas formuladas coletivamente e para garantir um futuro de vitórias revolucionárias ao Partido da classe operária.

Viva o Partido Comunista (Reconstruído)!
Viva o marxismo-leninismo!

O Comitê Central do Partido Comunista do Brasil

---

continuação da pág. 8

ples do interior, na luta contra a ditadura militar fascista, inspira hoje milhares de outros jovens como ele, sequiosos de tomar parte ativa na grande batalha dos nossos dias contra o sistema opressor, que resiste conduz nossa pátria ao cativeiro neocolonialista, serve aos banqueiros internacionais, aos poderosos do país, enquanto condena milhões de brasileiros à fome, ao desemprego, à tutela dos guardiães da ordem ultra-reacionária - os generais arrogantes e despóticos, que oprimem há quase duas décadas a nação.

André Grabois continua vivendo na luta aguerrida da juventude que busca o seu caminho - o mesmo caminho de Zé Carlos - o caminho da liberdade, da justiça social, da construção de uma nova vida socialista.

MENSAGEM DO PC DA COLÔMBIA (M-L) AO CONGRESSO DO PC DO BRASIL

Ao Congresso do Partido Comunista do Brasil

Queridos camaradas

O Comitê Central do Partido Comunista da Colômbia (m-1) e, por seu intermédio, os quadros e militantes do nosso Partido enviam calorosa saudação comunista ao Congresso do fraternal Partido Comunista do Brasil.

A forte contextura marxista-leninista do Partido irmão, sua longa e combativa trajectória de luta, sua persistência em defesa dos sagrados interesses da classe operária e do povo, sua luta intransigente contra os inimigos internos e externos e sua audácia em eludir as dificuldades próprias da luta, fazem prever um Congresso de unidade e de vitórias, cujas resoluções farão avançar mais ainda e com passo firme o processo da revolução encabeçada pelo PC do Brasil.

No momento em que a burguesia brasileira se debate em meio a uma crise profunda e sem precedentes, agravada pela dominação imperialista, e em que o chamado modelo brasileiro fracassou completamente, quando também as massas trabalhadoras em lutas decididas propugnam seus direitos políticos, econômicos e sociais, e o revisionismo e o oportunismo aparecem cada vez mais como traidores - o Partido Comunista do Brasil se destaca como autêntica vanguarda do proletariado brasileiro e a única alternativa revolucionária tendo em vista o poder para o povo.

Como acontece no Brasil e na Colômbia, o mundo capitalista e revisionista acha-se atormentado por uma crise galopante, produto do agravamento de suas contradições internas, e pela crescente luta do proletariado de todo o mundo. As potências imperialistas e a reação nos países que se encontram em suas áreas de influência, não vêem outro caminho como saída às suas dificuldades senão a guerra mundial que preparam aceleradamente semeando por toda a parte suas máquinas de extermínio.

Ante este grave perigo que cresce à paz mundial, somente o proletariado e os povos mobilizados e organizados, dirigidos pelos marxistas-leninistas, podem impedir a guerra inter-imperialista ou transformá-la em guerra revolucionária de libertação nacional pela democracia popular e pelo socialismo. O atual movimento marxista-leninista internacional enfrenta o grande compromisso de fortalecer a unidade combativa de seus destacamentos, baseada nos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário militante, alargar suas fileiras com a criação de novos partidos marxistas-leninistas, preparar a classe operária e o povo em cada país e a nível mundial, para coordenar suas lutas e fazer frente aos propósitos belicistas das potências imperialistas a fim de impulsionar o processo revolucionário do proletariado internacional.

Nossos dois Partidos cultivaram e cultivam os laços de amizade comunista que nos unem e ambos fazemos esforços por fortalecer e desenvolver essa amizade como também por desenvolver e consolidar a unidade do movimento marxista-leninista internacional.

Desejamos êxitos ao vosso Congresso, que serão também nossos êxitos e do conjunto do movimento comunista mundial.

Viva a sólida amizade entre nossos dois Partidos!
Viva o 6º Congresso do Partido Comunista do Brasil!
Viva o Partido Comunista do Brasil!
Viva o marxismo-leninismo e o internacionalismo proletário!

O Comitê Central do Partido Comunista da Colômbia (m-1)

Fevereiro de 1983.

DOIS TIPOS DE CONTRADIÇÕES

(Artigo publicado na TRIBUNA DE DEBATES do Congresso do Partido Comunista do Brasil)

Tem surgido, em nossos debates, no que se refere à situação internacional, a opinião de que, nas teses faltou incluir a "quarta contradição", entendendo-se como tal a luta revolucionária pelo socialismo.

As teses assinalam as contradições engendradas pelo capitalismo em sério agravamento: entre o capital e o trabalho; entre os países imperialistas e os povos e nações oprimidos; e entre os países imperialistas pelo domínio mundial. No ítem 6., indicam a contradição entre a Albânia Socialista e o mundo capitalista expressa no contraste existente na situação desse país onde não há crise, inflação, desemprego, carestia de vida, e na dos países onde domina o sistema imperialista/revisionista. Não há assim qualquer omissão.

Parece haver certa confusão quanto a dois tipos de contradições. Uma é a contradição entre o capital e o trabalho; outra é a contradição entre os dois sistemas, o capitalista e o socialista.Ambas dizem respeito à luta entre o capitalismo e o socialismo.

A contradição que impulsiona fundamentalmente a luta revolucionária em cada país, visando o socialismo, é a contradição entre o capital e o trabalho, ou seja, entre a burguesia e o proletariado.

A contradição entre os dois sistemas surgiu depois da vitória da revolução de 1917, na Rússia. Diz respeito à competição revolucionária mundial entre o socialismo em construção e expansão e o capitalismo decadente.

A contradição entre o capital e o trabalho (burguesia X proletariado) é superada pela revolução proletária em cada país; enquanto a contradição entre os dois sistemas é decidida em termos planetários, com a vitória do socialismo em todos os países.

O papel principal no plano mundial joga hoje a contradição entre o capital e o trabalho. A contradição entre os dois sistemas perdeu força devido à derrota da revolução na União Soviética e em outros países, como também à liquidação do campo de países socialistas, em conseqüência do revisionismo contemporâneo que se impôs e expandiu após o XX Congresso do PCUS, em 1956. Embora não tenha desaparecido, porque existe a Albânia Socialista, reduziu sua esfera de ação.

Se a revolução - produto da contradição capital X trabalho - triunfar em vários países, ou num grande e potencialmente poderoso país, o campo da revolução crescerá novamente, junto com a Albânia, e então a contradição entre os dois sistemas se fará mais ativa e desempenhará função idêntica ou ainda maior, em favor do socialismo mundial, do que na fase anterior, quando a União Soviética e outros países trilhavam o caminho revolucionário●